Reflexões Expansão da UFBA – o debate continua

Nelson De Luca Pretto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PRETTO, N.D.L. Expansão da UFBA – o debate continua. In: *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 198-199. ISBN: 978-85-232-2019-8.
<https://doi.org/10.7476/9788523220198.0058>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Expansão da UFBA – o debate continua

Em meu último artigo, publicado em 26 de dezembro de 2013, trouxe à baila o tema da expansão da UFBA, refletindo um pouco sobre o ensino superior público em geral. Fiquei surpreso ao ser questionado por alguns sobre as razões de eu ser contrário à expansão da nossa sexagenária instituição federal no Estado da Bahia.

Fui muito claro ao falar da UFBA no subúrbio e terminei o artigo perguntando: “que UFBA lá queremos?”. Para ser mais explícito, indiquei um descaminho: implantar uma unidade apenas com salas de aulas, para que os alunos de lá não precisassem deslocar-se, indo os professores para dar as aulas, unicamente. Indiquei também um possível caminho: perderíamos, assim, uma grande oportunidade de entender a Universidade como um ente que tem como indissociáveis o ensino, a pesquisa e a extensão, tudo inserido fortemente naquelas regiões para, efetivamente, fazer a diferença na produção da ciência, de culturas e conhecimentos, estes fortemente articulados e enraizados com a realidade local que, conectada pelas redes digitais, seria ao mesmo tempo planetária. “Essa é a grande UFBA que queremos e não uma expansão pela simples expansão.”

Mas por que alguns insistem em ver esse questionamento como uma manifestação contra a expansão? As razões são de ordem maior. Estamos vivendo no país uma fase de políticas compensatórias em todas as áreas. O caso da internet é mais um exemplo. No passado, uma bem-sucedida política pública de Estado garantiu a sua implantação no país e hoje vem sendo substituída por políticas que acreditam no mercado como solução. Com o crescimento das aplicações e dos serviços, a oferta cresceu e, junto com ela, a demanda. Como era de se esperar, o mercado não deu conta. Estamos distante de uma banda larga de qualidade e universalizada. Aqui, a perspectiva adotada é, mais uma vez, a de dar aos pobres um pouquinho de banda larga, com o argumento de que se, antes, eles não tinham nada, ter um *mega* já é alguma coisa!

Não é essa a política que defendemos, nem para a banda larga, nem para a educação.

Na educação, ampliamos as universidades públicas – e repito, com todas as letras em alto som: isso é absolutamente fundamental! –, mas em condições deficitárias, sem as necessárias garantias para o que entendemos ser uma universidade, com ensino, pesquisa e extensão socialmente comprometida. Aqui é importante pôr os devidos pontos nos *iis*. Não temos dúvida, assim como para a banda larga, que a universidade destinada aos pobres será aquela que, após três ou quatro anos de curso, lhe oferecerá um diploma de uma possível profissão, a partir de uma formação estreita, basicamente centrada em aulas, anacronicamente fornecidas por professores que não viverão a universidade.

O que venho defendendo para a UFBA é que sejam implantados *campi* que, efetivamente, estejam capacitados e qualificados para fazer aquilo que caracteriza uma universidade pública: ensino, pesquisa e extensão fortemente articulados com os valores e culturas locais.

A situação não é simples, pois estamos vivendo momentos de tensão em todos os campos, sendo a educação e as políticas sociais objeto de muitas críticas. José Miguel Wisnik, precioso como de costume, analisando a situação brasileira em função dos protestos que, desde junho passado, acontecem no país, compreende que existe uma falha na interpretação do que eles significam: “A falha aponta para tudo aquilo que o país promete e não cumpre, incluídas nisso as instituições que interpretaram sistematicamente o jogo político sob o crivo imobilista da disputa mercadológica, a educação pelo prisma do autoengano quantitativo, a cultura na base do seu desfibramento, a saúde pelo descaso etc. As análises sociológicas da existência de um ‘precariado’ urbano que experimenta perspectivas de mudanças de vida, açuladas além do mais pelas promessas miríficas da publicidade onipresente, e que se frustram, são bem sugestivas. Não é difícil entrever esse perfil nos rapazes que acionaram o infeliz rojão, o projétil sem projeto, errado e errático” (*O Globo*, 22.2.14).

Se nos faltam projetos, vamos nos investir de coragem para, a partir de uma ampla discussão, na mídia e em todos os espaços, enfrentar os desafios com soluções que fujam dos cânones tradicionais e instituídos que, porventura, se revelem falidos. A Universidade deve assumir seu papel e, com os movimentos sociais e políticos, construir alternativas.